



nara roesler

FRIEZE NY 2025

estande D12

preview

quarta-feira, 7 de maio

aberto ao público

quinta-feira-domingo, 8–11

the shed

545 w 30th st, nova york



**carlito
carvalhosa**

Carlito Carvalhosa
Sem Título, 2003
óleo, graxa e resina sobre espelho
160 x 110 x 3 cm



[mais sobre o artista](#) →

vista da exposição
A Metade do Bem, 2024
Instituto Tomie Ohtake,
São Paulo, Brasil



Carvalhosa atribuiu profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcendeu e abordou questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê.

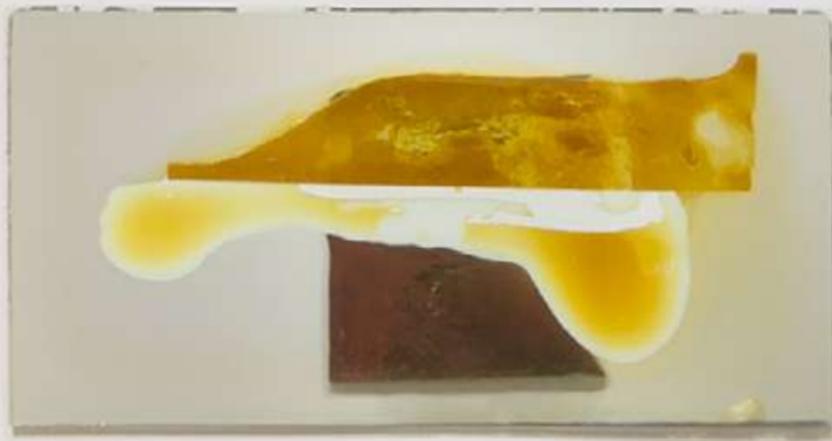
A partir dos anos 2000, o artista realizou pinturas sobre superfícies espelhadas endereçando o problema da imagem como reflexo invertido, ao cobrir essas superfícies com camadas de tintas, assim como fazendo uso de inscrições. Como ele observou, “o espelho não está em lugar nenhum” –ele reflete, mas obscurece, equilibrando a tensão entre visibilidade e obstrução. Manchas de graxa interrompem a clareza do espelho, reforçando a autonomia da forma através do comportamento imprevisível do material.”



“Estas pinturas que colocam nossa presença dentro delas são também espelhos. Estamos lá dentro quando as vemos e nos vemos vendo. Mas, na superfície também está algo que não sabemos bem o que é habitando lá. Uma imagem um tanto sem morada foi parar exatamente ali, onde qualquer um passa, se olha e segue adiante, mas não fica e permanece.” – Paulo Venancio Filho, 2003

vista da exposição
A Metade do Dobro, 2024
Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil

clique para assistir e saber mais
sobre os trabalhos do artista →



Carlito Carvalhosa
em seu ateliê, 1996



[mais sobre o artista](#) →

A close-up photograph of a dark brown leather bag. The bag features a braided leather handle and a metal ring. The leather has a rich, textured appearance with some wear and tear. The background is a plain, light-colored surface.

**marcelo
silveira**

Marcelo Silveira
Dupla XI, 2022
madeira cajacatinga e couro
unique
160 x 155 x 143 cm



Ao longo de mais de trinta anos de carreira, Marcelo Silveira se consolidou como um dos grandes nomes da arte brasileira contemporânea, conjugando técnicas provenientes do universo da artesanaria popular com aquelas da tradição artística ocidental. Sua prática parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação e do colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade e tem como um de seus elementos centrais a cajacatinga, madeira típica da mata atlântica brasileira, cujos fragmentos são encontrados pelo artista parcialmente carbonizados em Gravatá, no interior de Pernambuco, estado onde reside.



vista da exposição

Entre o mar, o rio e a pedra, 2025

Nara Roesler Rio de Janeiro, Brasil

Marcelo Silveira

Pele XXX, 2023

madeira cajacatinga, cera
de abelha e pino metálico

unique

141 x 138 x 51,5 cm



“As *Peles* são compostas por peças que não deram certo individualmente. Nesse laboratório, que é o ateliê, você vai excluindo muita coisa. As vezes você não consegue encontrar solução para uma peça, aí, gradativamente, ela vai se juntado a um grupo e vai criando um conjunto. Esse é o resultado prático do colecionar. Enquanto elas estavam soltas e amontoadas, elas eram um ajuntamento. Compreender essa passagem do que você juntou para o que você coleciona, e passar para o outro essa coleção, é minha intenção. O artista colecionador é o que vai constantemente reorganizando os fragmentos.”

—Marcelo Silveira



“Em sua maior parte, são peças feitas com pedaços de madeira que, após cortados e lixados, são encaixados, uns nos outros, por meio de cavas e pinos, constituindo os objetos que, na trajetória do artista, são talvez os mais facilmente classificáveis como escultóricos. Mesmo no interior desse campo, entretanto, tais trabalhos se voltam contra classificações dóceis, articulando duas tradições distintas de escultura: a que enfatiza o entalhe do material usado (o desbaste de cada um dos pedaços de madeira) e a que se faz pela junção entre partes. Da primeira tradição, retém o interesse pelo volume e pela massa da matéria trabalhada, enquanto da segunda o apreço pela aproximação mecânica entre peças diversas.” — Moacir dos Anjos

Marcelo Silveira
Sonora, 2009-2010
madeira cajacatinga
47,5 x 88 x 47 cm



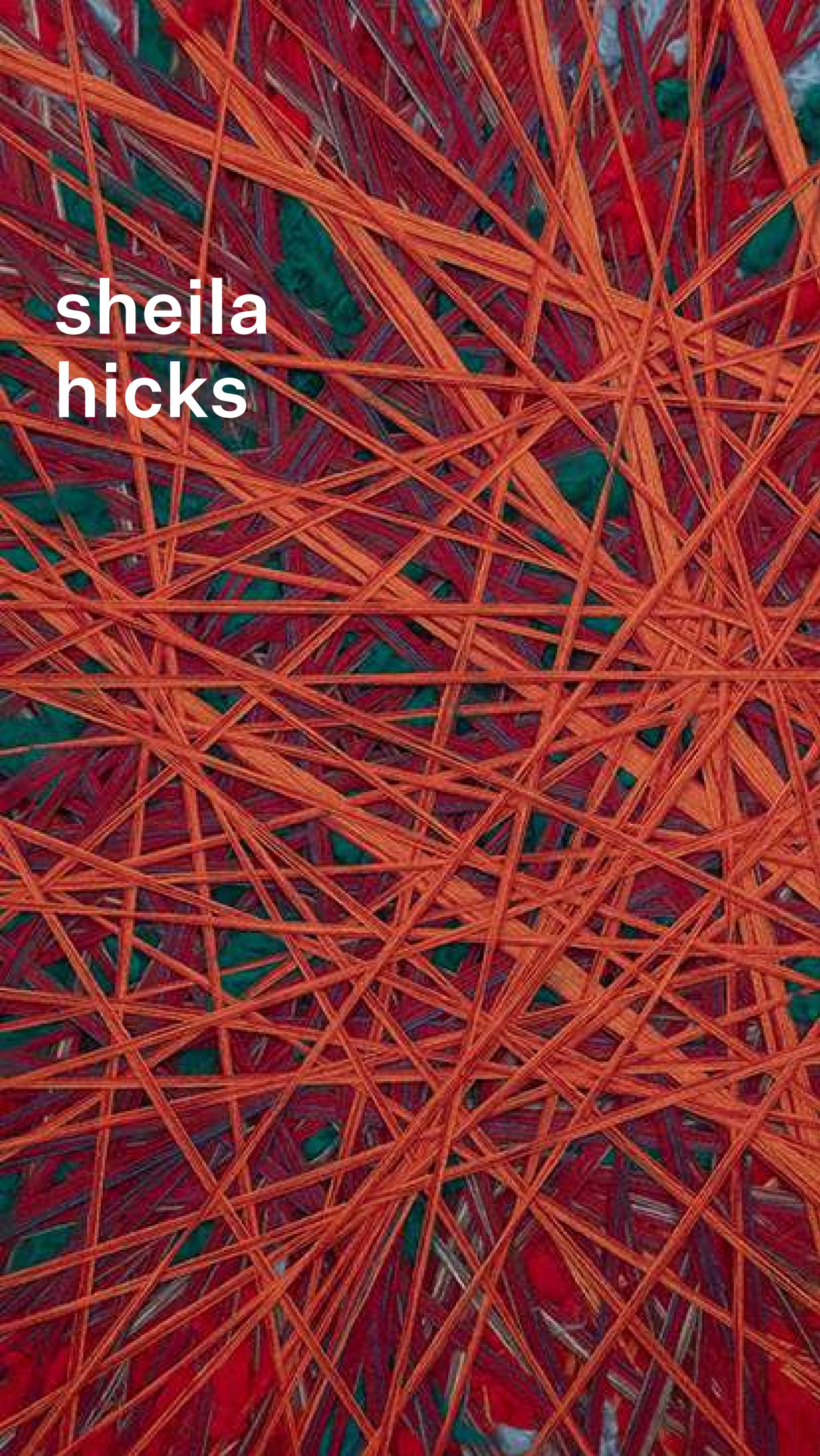


vista da exposição
Marcelo Silveira: Hotel Solidão, 2022
Nara Roesler New York, USA

clique para assistir e saber mais
sobre os trabalhos do artista →

[mais sobre o artista](#) →





sheila
hicks

Sheila Hicks
Ayudame, 2025
fibra sintética e linho
Ø 85 cm



Ayudame, de 2025, pertence a um grupo de obras de Sheila Hicks chamado *Boules*, que possuem uma forma arredondada e são feitas de tecidos e fios de vários materiais, incluindo fibras sintéticas que são tingidas manualmente e, em seguida, moldadas pela adição de algodão, linho, nylon e seda, entre outros. Hicks frequentemente envolve objetos pessoais dentro dessas estruturas, em um gesto pós-Duchampiano de criar segredos e esconderijos imperceptíveis.

vista da exposição
Biennale di Venezia, 2017
Arsenale, Venice, Italy



Boules tornou-se um artifício para realizar ações de acúmulo expressivo de rigorosa serialidade e, acima de tudo, para criar instalações e esculturas coloridas, monumentais e lúdicas, específicas para o local. As composições com esses elementos têm infinitas possibilidades combinatórias capazes de ocupar toda uma parede.



Sheila Hicks

Pillar of Inquiry/Supple Column, 2013-14
exhibition *Surrounds: 11 installations*,
Museum of Modern Art (MoMA),
Nova York, USA

[clique para assistir e saber mais
sobre os trabalhos da artista →](#)



[mais sobre o artista →](#)



**carlos
bunga**

Nascido no Porto, em uma família recém migrada ao fim das guerras coloniais na África Portuguesa (1961–74), Carlos Bunga tira da sua origem estrangeira a condição fundante do seu projeto poético, conhecido por ambiciosas instalações e performances, o trabalho em sítio específico, o que lhe impõe um deslocamento regular entre diferentes espaços, lugares e culturas. Trabalha como um nômade carregando sua casa, um conceito presente em diversos projetos, seu abrigo em qualquer lugar, suas experiências acumuladas na relação com a paisagem natural e humana, tendo como fundamento da sua prática a curiosidade e a intuição. “No meu processo de trabalho sinto-me mais próximo de um pássaro que constrói o seu ninho do que de um arquiteto”, diz o artista.

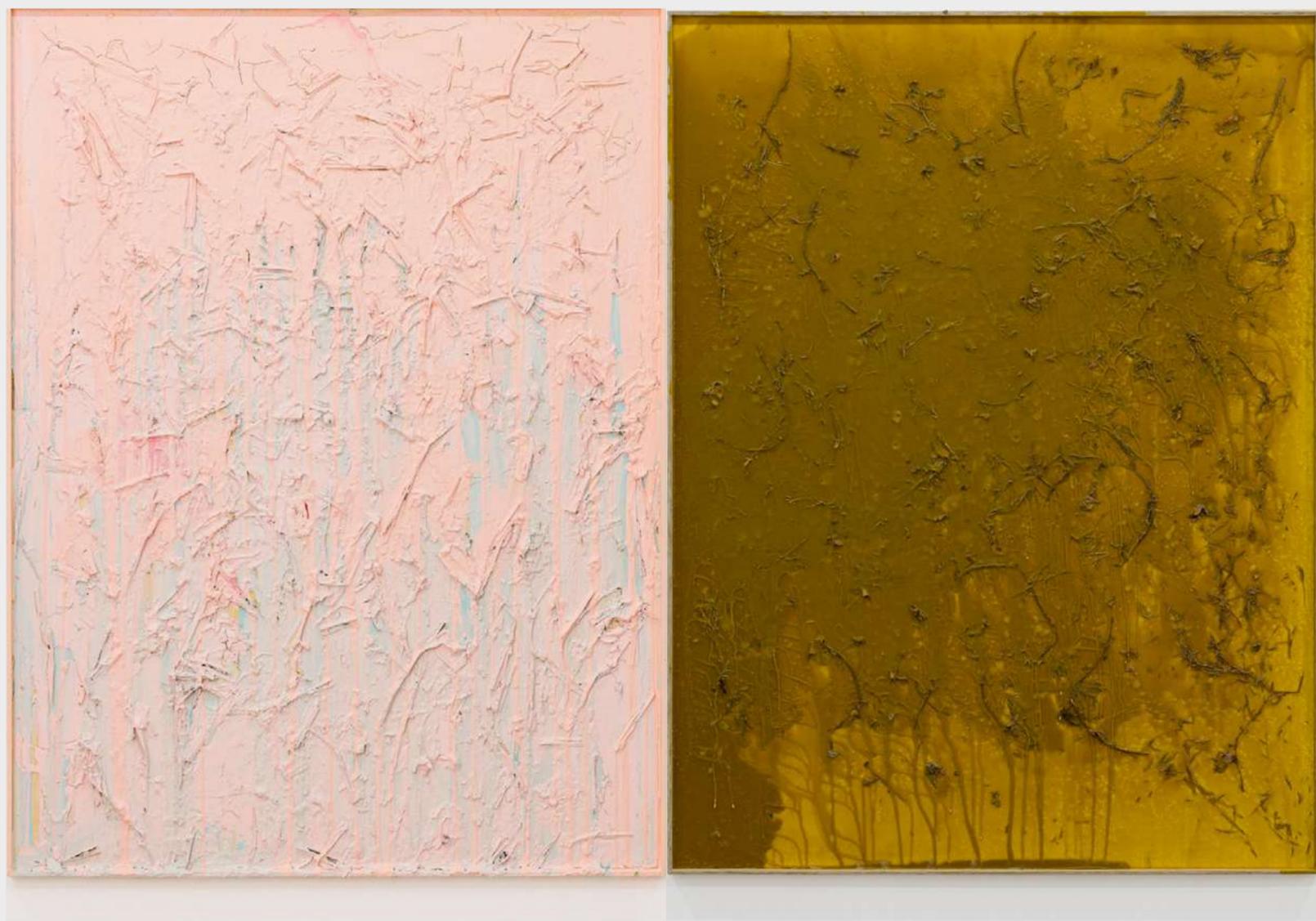
Carlos Bunga

Landscape # 8, 2023

cola PVA, tinta látex e folha

seca sobre compensado

202 x 304,6 x 6 cm



[mais sobre o artista](#) →

“[As obras da série Construção pictórica, Natureza, 2023] adquirem um caráter mais poético e abstrato com superfícies em que se misturam, pelos gestos do artista, pigmentos, resinas, ramagens de plantas, folhas secas, resíduos de lixo das ruas, fragmentos diversos, congelados sobre o plano como uma espécie de natureza morta urbana, um registro da passagem do tempo e da natureza. Embora elas tenham autonomia, as pinturas, por vezes, funcionam como paredes instaladas nos espaços expositivos.” – Ivo Mesquita





vista da exposição
Manifesta, 2024
Barcelona, Spain



vista da exposição
Inhabiting together, 2024
Nara Roesler Rio de Janeiro, Brasil

[clique para assistir e saber mais
sobre o trabalho do artista→](#)



vista da exposição

Carlos Bunga: Citizen of the World, 2024

The New Art Gallery Walsall, Walsall, UK

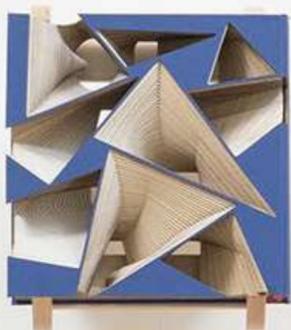


[mais sobre o artista](#) →

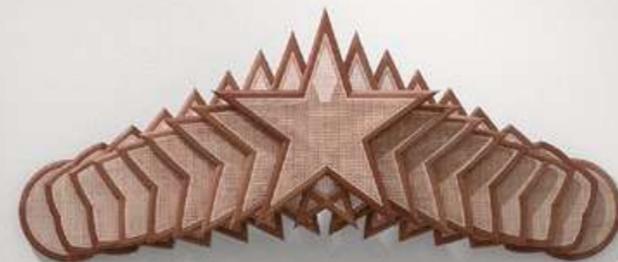
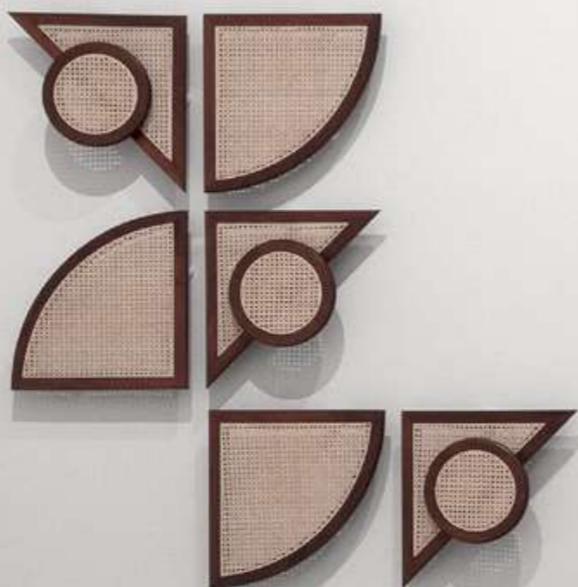


**marco a.
castillo**

Marco A. Castillo
Dictadura vertical VI, 2023
papel, tecido e compensado
de bétula multilaminado
228 x 51,2 x 24 cm



vista da exposição
The Hands of the Collector, 2024
Cranbrook Art Museum,
Bloomfield Hills, EUA





vista da exposição
Propiedad del Estado, 2021
Nara Roesler São Paulo, Brasil

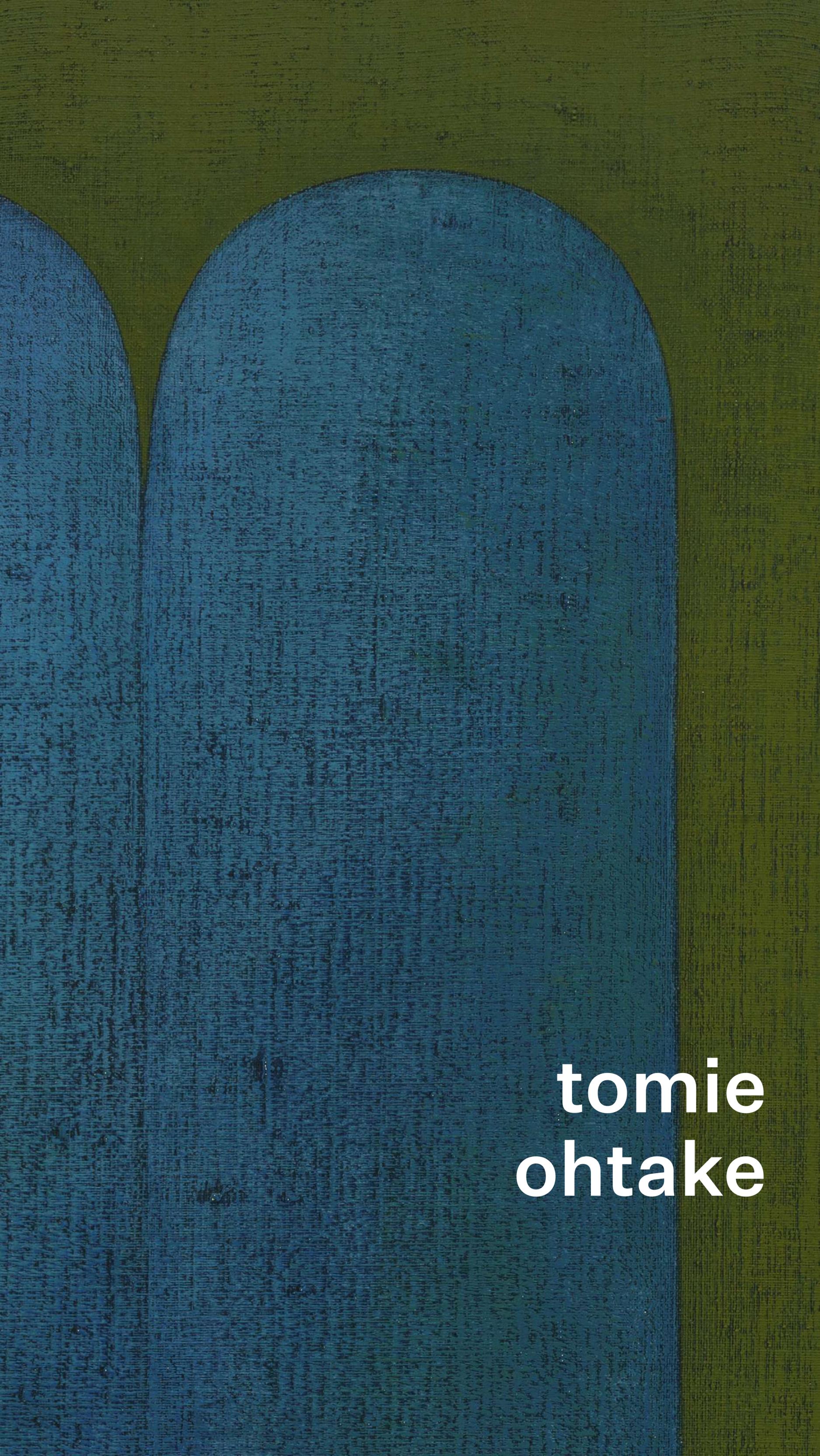


clique para assistir e saber mais
sobre os trabalhos do artista →

Marco A. Castillo

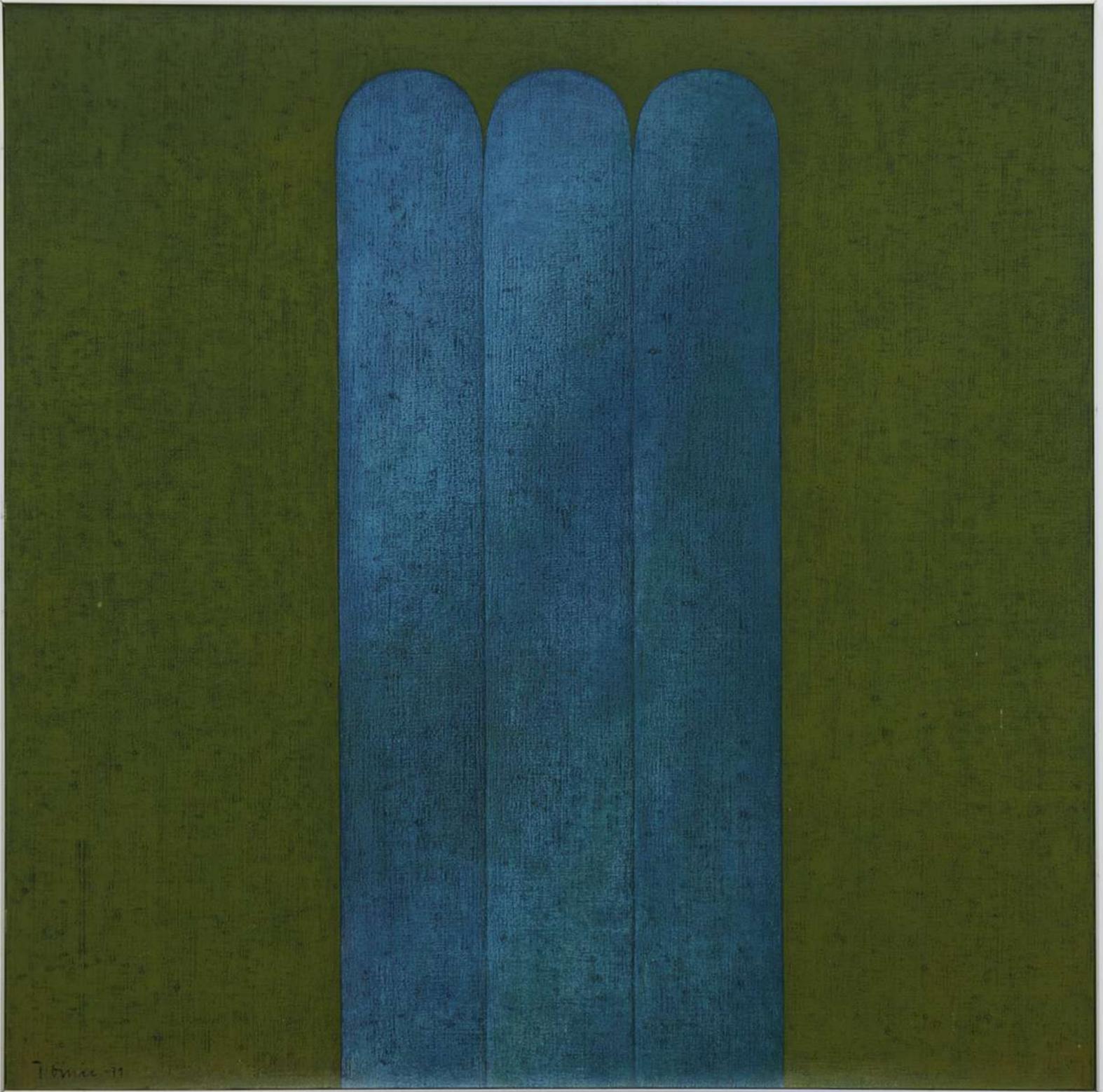
[mais sobre o artista→](#)



The image features a textured background with two large, overlapping, rounded rectangular shapes in a vibrant blue color. The background is a dark, muted green. The overall texture is grainy and painterly. In the bottom right corner, the text 'tomie ohtake' is written in a clean, white, sans-serif font.

tomie
ohtake

Tomie Ohtake
Sem título, 1979
tinta óleo sobre tela
100 x 100,2 cm



Em suas composições da década de 60, Tomie rasgava os pedaços de papel para criar a gênese de suas pinturas. Já na década de 1970, quando as pinturas começaram a lidar com formas de contornos mais nítidos, os estudos também se transformaram, pois a artista passou a utilizar a tesoura para cortar os papéis. Segundo Miyada, essa “era uma forma de lidar com a instantaneidade do gesto e impregnar todo o processo de pintura com seu equilíbrio entre acaso e controle”.



vista da exposição
Visible Persistence, 2017
Nara Roesler New Yorkw, EUA
Foto: Jenny Gorman



vista da exposição
Nas pontas dos dedos, 2017
Nara Roesler São Paulo, Brasil
Foto: Everton Ballardin

Tomie Ohtake
em sua casa-ateliê

clique para assistir e saber
mais sobre a artista →

[mais sobre a artista →](#)



[clique para ir para o início do preview](#) ↑

mais sobre o artistas

carlito carvalhosa

n. 1961, São Paulo, Brasil

m. 2021, São Paulo, Brasil

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente as linguagens da instalação, da pintura e da escultura. Nos anos 1980, integrou o Grupo Casa 7, em São Paulo, do qual faziam parte também Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, sobretudo a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das “ceras perdidas”. Ainda em meados dessa década, fez também esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribui profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcende e aborda questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. Desde o início dos anos 2000, o artista tem realizado pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, “colocam nossa presença dentro delas”. Não raro, Carvalhosa realiza instalações em que, além de técnicas usuais, faz uso de materiais como tecidos e lâmpadas.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Matter as Image. Works from 1987 to 2021*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
- *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
- *Corredor*, Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Sensory Poetics: Collecting Abstraction*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2022)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019); Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)

-
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
 - 10ª Bienal de Curitiba, Brasil (2015)
 - *Rio (River)*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2014)
 - 30ª e 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (2013 e 1985)
 - 3ª Bienal do Mercosul, Brasil (2001)

coleções selecionadas

- Solomon R. Guggenheim Museum, New York, USA
- Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA

[voltar ao trabalho do artista ↑](#)

marcelo silveira

n. 1962, Gravatá, Brasil

vive e trabalha em Recife, Brasil

A prática de Marcelo Silveira parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados. Contudo, também é fundamental a configuração por eles assumida, que pode ser criada a partir do repertório formal comum àqueles objetos – garrafas e copos de vidro, por exemplo – ou pela recriação de formas familiares e comuns em matérias inesperadas – como Silveira faz com a madeira, por exemplo.

O colecionismo, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista, ao lado do constante jogo entre apropriação e produção. Essas operações aparecem em seu trabalho de diversos modos, seja pelo acúmulo de artefatos encontrados no mundo – como cartões postais, réguas de desenho, vidros de perfume etc. –, em objetos que remetem a utensílios domésticos, mas desprovidos de qualquer utilidade, ou até pela apresentação dos trabalhos sob a forma de conjuntos, em que cada fragmento se integra àquela totalidade, ressignificando-a. Nesse sentido, a organização é fundamental na prática de Silveira, não só como estratégia expositiva, mas também para conferir novo sentido a esses objetos, que possuem a potência de despertar memórias afetivas.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Hotel solidão*, Nara Roesler, Nova York, Brasil (2022)
- *Compacto com pacto*, Sesc Triunfo, Triunfo, Brasil (2019)
- *Com texto, obras por Marcelo Silveira*, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS), Sorocaba, Brasil (2018)
- *Censor, Museu da Imagem e do Som (MIS)*, São Paulo, Brasil (2016)
- *1 Dedo de Prosa*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Língua solta*, Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil (2021)
- *35º Panorama da Arte Brasileira*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2017)

-
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
 - *10ª Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, Brasil (2015)
 - *Travessias*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
 - *29ª Bienal de São Paulo*, São Paulo, Brasil (2010)
 - *4ª Bienal de Valência*, Espanha (2007)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

[voltar ao trabalho do artista ↑](#)

sheila hicks

n. Hastings, EUA, 1934

Vive e trabalha em Paris, França

Sheila Hicks é uma das mais importantes artistas do modernismo tardio no Ocidente, além de pioneira no uso de técnicas têxteis para a produção de trabalhos de arte, ela possui presença destacada no panorama da arte contemporânea desde a década de 1960. Sua produção iniciou-se no final dos anos 1950, logo após ter finalizado seus estudos na Yale Art School, em que esteve em contato com os ensinamentos de mestres como Josef Albers, Rico Lebrun, Bernard Chaet e George Kubler. Artista global avant la lettre, Hicks realizou inúmeras viagens nas quais dedicava-se a estudar a cultura de cada lugar e suas práticas locais, com foco, sobretudo, naquelas relacionadas à tecelagem e à produção têxtil em países como México, Marrocos, Índia, Coreia, Japão, Peru, Israel, Suécia e África do Sul.

Seu trabalho caracteriza-se pela investigação da escala, variando do mínimo ao monumental e frequentemente ocupando o espaço limiar entre arte, design, artesanato e arquitetura. Dentro da multiplicidade de sua produção, Sheila Hicks confere sempre à cor papel de destaque, de modo a evocar suas incursões iniciais na pintura. Ela utiliza sua prática na tecelagem como uma extensão da pintura – “uma pintora perdida na selva de fibras buscando encontrar uma saída”, brinca a artista ao comentar sua relação com a técnica têxtil. Hicks também se tornou conhecida por utilizar uma vasta gama de materiais, desde pedaços de ardósia e fios até uniformes de enfermeiros e militares. Recentemente, Hicks começou a realizar experimentos com materiais biodegradáveis, que, embora estejam fadados a se desintegrar fisicamente, não chegam propriamente a desaparecer, uma vez que a artista procura despertar, ou construir, experiências memoráveis, perenes a auráticas.

exposições individuais selecionadas

- *Reencuentro*, Museo Chileno de Arte Precolombino, Santiago, Chile (2019)
- *Sheila Hicks: Lignes de Vie*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Hop, Skip, Jump, and Fly: Escape From Gravity*, The High Line, Nova York, EUA (2017)
- *Sheila Hicks: Hilos libres. El textil y sus raíces prehispánicas, 1954–2017*, Museo Amparo, Puebla, México (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Surrounds – 11 installations*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *Weaving Beyond the Bauhaus*, The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA (2019)
- *Making Knowing: Craft in Art, 1950-2019*, Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA (2019)

-
- *Beyond Craft*, Tate Modern, London, Reino Unido (2018)
 - *Voyage d’Hiver*, Château de Versailles, Versailles, França (2017)
 - 57th Biennale di Venezia, Venice, Itália (2017)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Industriet Museum, Oslo, Noruega
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- National Museum of Modern Art, Tóquio, Japão
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido)

[voltar ao trabalho do artista ↑](#)

carlos bunga

n. 1975, Porto, Portugal

vive e trabalha em Barcelona, Espanha

Carlos Bunga cria obras de componente processual em vários formatos: esculturas, pinturas, desenhos, performances, vídeo e sobretudo instalações *in situ*, que se relacionam e intervêm no espaço arquitetônico em que se inserem.

Embora utilize frequentemente materiais comuns e despretensiosos, como papelão e fita adesiva, seu trabalho envolve um grau altamente desenvolvido de cuidado estético e delicadeza, bem como uma complexidade conceitual derivada da inter-relação entre o fazer, o desfazer e o refazer, entre o micro e o macro e entre a investigação e a conclusão. Situando-se na fronteira entre a escultura e a pintura, suas obras, enganadoramente delicadas e frágeis, caracterizam-se por um intenso estudo da combinação da cor e da materialidade, ao mesmo tempo que enfatizam o aspecto performático do ato criativo.

As obras sobre papel de Bunga, intimamente relacionadas com as suas esculturas e instalações, envolvem frequentemente sobreposições, quer de elementos compositivos nas pinturas, quer de folhas de papel translúcidas nos desenhos. O resultado analítico/descritivo, como uma dupla exposição fotográfica, mimetiza a dupla experiência da memória e da imaginação subjacente à escultura.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Habitar Juntos*, Nara Roesler São Paulo, São Paulo, Brasil (2024)
- *Carlos Bunga: Performing Nature*, Centre d'Art Bomba Gens, Valencia, Espanha (2024)
- *Reassembling Spilt Light: An Immersive Installation*. Sarasota Art Museum, Sarasota, EUA (2023)
- *Against the extravagance of desire*, Palácio de Cristal, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Espanha (2022)
- *Something Necessary and Useful*, Whitechapel, Londres, Reino Unido (2020)
- *Carlos Bunga, Architecture of Life*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2020)
- *Capella, La Capella dels Àngels*, Museu d'Art Contemporani de Barcelona (MACBA), Barcelona, Espanha (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Coreografias do impossível*. 35ª Bienal de São Paulo, Brasil (2023)

-
- *Meia Noite*, Bienal de Coimbra, Coimbra, Portugal (2021)
 - *Gigantisme*, Pôle d'Art Contemporain de Dunkerque, Dunkerque, França (2019)
 - *Quote/Unquote*. Entre apropriação e diálogo, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2017)
 - *The State of the Art of Architecture*, Bienal de Arquitetura de Chicago, Chicago, EUA (2015)

coleções selecionadas

- Fundação Serralves, Porto, Portugal
- Hammer Museum, Los Angeles, EUA
- Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Museu d'Art Contemporani de Barcelona (MACBA), Barcelona, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Detroit, EUA
- Coleção Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Pérez Art Museum, Miami, EUA
- The Museum of Modern Art MoMA, Nova York, EUA

[voltar ao trabalho do artista ↑](#)

marco a. castillo

n. 1971, Havana, Cuba

vive e trabalha entre Havana, Cuba e Madri, Espanha

O cubano Marco Castillo é um dos membros fundadores do coletivo Los Carpinteros, criado em Havana, em 1992. O grupo tinha como preceitos a renúncia à autoria individual e a prática baseada na junção de elementos e formas da arquitetura, do design e da arte. Seus desenhos e instalações partem da observação de elementos materiais do nosso cotidiano. Esses aspectos são reelaborados para explorar a relação entre o funcional e o não funcional, assim como a relação entre arte e sociedade.

Em consonância com o movimento global de revisionismo histórico, Castillo reflete sobre o processo de modernização de Cuba durante as décadas de 1960 e 1970, fazendo referência a influentes artistas, arquitetos e designers cubanos. As esculturas e os trabalhos em papel de seu mais recente projeto combinam elementos do design moderno e do realismo socialista do período soviético a técnicas e materiais cubanos tradicionais – incluindo a madeira de mogno e a treliça de palha, além do desenho gráfico daquelas épocas.

Recentemente, o artista tem concentrado seu trabalho em reinterpretar obras de figuras-chave daquilo que chama de “geração esquecida”, como Gonzalo Córdoba, María Victoria Caignet, Rodolfo Fernández Suárez (Fofi), Joaquín Galván e Walter Betancourt. Assumindo um ponto de vista político, Castillo busca seguir a trilha deixada por esses artistas históricos, ao mesmo tempo que se afirma enquanto defensor e propagador da herança artística cubana.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- Propriedad del estado, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- The Decorator’s Home, UTA Artist Space, Los Angeles, EUA (2019)
- El susurro del palmar, Galerie Peter Kilchmann, Zurique, Suíça (2018)
- La cosa está candela, Museo de Arte Miguel Urrutia, Bogotá, Colômbia (2017)
- Los Carpinteros, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, México (2015)
- Ciudad Transportable, Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA (2001)

exposições coletivas selecionadas

- Sin Autorizacion: Contemporary Cuban Art, Columbia University, Nova York, EUA (2022)
- On the Horizon: Contemporary Cuban Art from the Jorge M. Pérez Collection, Pérez Art Museum Miami, Miami, EUA (2018)
- Everyday Poetics, Seattle Art Museum, Seattle, EUA (2017)

- Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950, Walker Art Center, Minneapolis; Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2017)
- Alchemy: Transformations in Gold, Des Moines Art Center, Des Moines, EUA (2017)
- Contingent Beauty: Contemporary Art from Latin America, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2015)
- The Kaleidoscopic Eye: Thyssen-Bornemisza Art Contemporary Collection, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2009)
- Bienal de Havana, Cuba (2019, 2015, 2012, 2006, 2000, 1994, 1991)
- 13ª Bienal de Sharjah, EAU (2017)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

voltar ao trabalho do artista ↑

tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão

m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais representantes da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto, Japão, em 1913, mudando-se para o Brasil em 1936. Sua carreira artística teve início aos 37 anos quando se tornou membro do grupo Seibi, que reunia artistas de descendência japonesa. No final da década de 1950, ao abandonar a fase inicial de estudos figurativos na pintura, mergulhou em explorações abstratas. Nessa fase, realizou a série conhecida como Pinturas cegas em que suprimia a visão para experimentar e desafiar as ideias fundamentais do movimento neoconcreto brasileiro, trazendo à tona em sua prática sensibilidade e intuição.

Em 1957, convidada pelo crítico Mário Pedrosa, ela realizou uma primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), que culminou, quatro anos depois, em sua participação na Bienal de São Paulo de 1961. Ohtake começou a experimentar vários métodos de impressão durante os anos de 1970 e, já no final da década de 1980, executou projetos esculturais de grande escala, assim como esculturas públicas em São Paulo e cidades vizinhas. Tendo trabalhado até o fim na vida, Tomie Ohtake faleceu em 2015, aos 101 anos de idade.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Visible Persistence*, Nara Roesler Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Open Ended: SFMoMA's Collection – 1900 to now*, SFMoMA, San Francisco, EUA (2024)
- *60ª Bienal de Veneza, Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere*, Veneza Itália (2024)
- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940–70*, Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)

-
- *Surface Work*, Victoria Miro, London, United Kingdom (2018)
 - *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
 - *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
 - *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection*, Art Museum of the Americas, Washington DC, EUA (2013)

selected collections

- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- Mori Art Museum, Tokyo, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

[voltar ao trabalho da artista ↑](#)

nara roesler

são paulo

av europa, 655

jardim europa, 01449-001

são paulo, sp, brasil

t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241

ippanema, 22421-030

rio de janeiro, rj, brasil

t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street

new york, 10011 ny

usa

t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art